

*Renato Pompeu*  
*Jornalista e escritor*

Todos estão cansados de saber que o brasileiro não lê, lê pouco e nunca escreve. Costuma-se atribuir ao analfabetismo ou semi-analfabetismo. Mas vejamos: nos Estados Unidos há 1.300 jornais diários com circulação de 60 milhões de exemplares. Na União Soviética há 11 jornais diários, com 56 milhões de exemplares. No Brasil, há 300 jornais diários, com 1,6 milhão de exemplares (1977, última estatística).

Admitamos que de lá pra cá, em cinco anos, as coisas tenham melhorado rapidamente. Digamos que hoje há 2 milhões de exemplares diários de jornais no Brasil. Costuma-se calcular 4 leitores por exemplares. Assim teríamos 240 milhões de leitores nos Estados Unidos, praticamente toda a população; 224 milhões na URSS. No Brasil, 8 milhões. Isso são extrapolações minhas, os dados sobre circulação de jornais estão no Almanaque Abril 1982, fonte razoavelmente confiável.

Será que há apenas 8 milhões de brasileiros em condições de ler jornal e 112 milhões sem essas condições? Parece duvidoso. A experiência nos indica que a taxa de analfabetismo e semi-analfabetismo não é tão grande. Há outros fatores.

Para ler e escrever, é preciso tempo e interesse como condições principais, e uma sub-condição derivada do tempo: O treino. Ora, o brasileiro tem pouquíssimo tempo para ler. O Brasil é um dos países em que mais se trabalha no mundo, em termos de tempo. Todo mundo faz hora-extra além das 8 horas regulamentares, de professores a torneiros-mecânicos. Na URSS, o horário de trabalho é de 6 horas para quase todas as categorias, 5 dias por semana; há várias categorias que trabalham três dias sim, três dias não. Na Alemanha Ocidental está sendo introduzido o sistema de trabalhar apeans 4 horas na sexta feira, mais 4 dias semana de 8 horas.

Além disso, a condução no Brasil é péssima. Por isso, no seu breve período de repouso de pois do jantar, o brasileiro prefere ver televisão. Portanto, as pessoas interessadas na amplição do mercado de leitores têm de lutar pela diminuição das horas de trabalho e pela melhorade condução.

A segunda condição para ler é o interesse. Ora, os jornais e livros publicados no Brasil não são de interesse para a maioria da população. Jornais e revistas não tem interesse em aumentarem sua circulação; interessam-se, isso sim, pelo aumento dos anúncios. Assim publicam sō notícias e artigos de interesse das pessoas com dinheiro para comprarem os produtos mais caros. Não se publicam artigos ou notícias que possam alienar anunciantes.

ou notícias que possam alienar anunciantes.

Mais ainda: os próprios anunciantes pouco se interessam pelos jornais e revistas; preferem a televisão. Isso porque as estatísticas de mostram que hoje é pequena a proporção de leitores que lêem anúncios nas revistas e jornais. O interesse de grandes anunciantes de cigarros, por exemplo é outro: ele simplesmente prefere gastar dinheiro em anúncios, pois pode cortar essa despesa do imposto. Sequer o grande anunciante, assim, visa ao leitor.

Muitos compradores de jornais e revistas, segundo as estatísticas, sequer abrem as páginas do exemplar que compram. Os artigos mais lidos não atingem a metade dos leitores. A imprensa brasileira não é interessante para a maioria de seus próprios leitores, quanto mais para os não leitores. É o meu caso: leio sete jornais por

dia e levo nisso menos de 1 hora, lendo todos os títulos para ver se me interessa pelo artigo. Revistas semanais, folheio em 10 minutos e não encontro mais do que um ou dois artigos que me chamam a atenção. Na verdade, só leio tudo isso porque sou jornalista profissional e tenho de saber o que a imprensa está dando para não repetir o que já foi dado nos seus artigos, evidentemente assalariado só pela manhã, como "free lancer" à tarde e à noite só posso vender matérias que a imprensa ainda não tenha dado.

Como eu, quase só lê de verdade no Brasil quem ganha dinheiro com isso, porque a imprensa raramente é interessante; dá o que a televisão já deu. Que interesse tem a massa da população em ler o que a nossa imprensa pública? Você que está me lendo, o que leu no jornal hoje? Pense se foi: a) por falta de tempo. b) por falta de interesse. E me mande uma cartinha dizendo o que você leu hoje no jornal e o que leu esta semana na revista semanal. Aposto que você, professor de língua e literatura, sequer leu a seção de livros - pois as resenhas, o modo de como a resenha é feita e os próprios livros não disseram nada para você.

Agora pense num trabalhador de fábrica . Que artigo você leu no jornal de hoje que pode-

ria interessar a um trabalhador de fábrica, um bancário, um adolescente das camadas populares? Lembre-se que ele já viu o jogo de futebol em compacto na TV e já ouviu notícias dos times nos rádios.

Mas você dirá: não existem os jornais populares, tipo "Notícias Populares"? Sim, mas eles não são dirigidos aos trabalhadores, que têm vergonha de levar esses jornais para casa. Mesmo assim, o "Notícias Populares" é sustentado basicamente pelas suas duas páginas de movimento sindical, lidas no intervalo do almoço. São essas duas páginas que vendem o NP.

No entanto, esse jornal há tempo dava ainda mais notícias de trabalhismo. Apesar do interesse despertado, ele diminuiu sua cobertura trabalhista. E a proposta de fazer a seção "Livros do Trabalhador" no jornal, bem aceita inicialmente por sua diretoria, nunca pôde ser levada adiante.

Portanto, há indicações de que o que existe não é só um desinteresse dos trabalhadores, pela leitura, mas dificuldades concretas e uma deliberação de evitar que os trabalhadores leiam.

Agora vejamos a última condição: o treino.

Ler e escrever textos de complexidade crescente é algo que se consegue s<sup>o</sup> com o treino. Mas nas escolas, a grande maioria dos alunos brasileiros não recebe treino de escrita ou leitura. São raros, entre os professores, os que exijam que seus alunos leiam ou escrevam regularmente.

Assim criam-se absurdos. As aulas de português nas escolas são literalmente absurdas. Dão-se regras no vazio. É como se se esperasse que, com aulas sobre as regras de futebol, alguém aprendesse a jogar futebol. Isso naturalmente é impossível. Falar bem a língua, escrever e ler s<sup>o</sup> se aprende com exercício.

Aqui entra o problema do código. Quando o professor de língua portuguesa tenta ensinar os alunos das camadas populares a lerem e escreverem estes acham os livros recomendados e as redações pedidas uma "chateação". Que é uma coisa "chata"? Simplesmente algo que não se frui. Não adianta tentar impor o que o aluno não frui.

A literatura brasileira raramente se dirige ao trabalhador e está escrita num código que não é sua língua de todo dia. Um operário comum, da pontuação, s<sup>o</sup> conhece o ponto e a vírgula. Ele não sabe o que é ?, I, ;, :. Ele não se lembra mais dos significados desses sinais, s<sup>e</sup> é que alguma vez os viu. Ele s<sup>o</sup> conhece. e, - as

sim ponha-se na situação dele; para ele, ver ?  
é tão surpreendente e sem significado como se  
você, lendo um jornal, de repente deparasse com  
um ideograma chinês.

Essa situação prossegue até a Universidade. No curso de letras não há o curso de romance, de contos, de poesia, enfim, um curso em que alguém desse orientação sobre como escrever. Isso existe nos países adiantados e, se não revelou bons escritores, pelo menos revelou bons redatores.

Escrever é um direito e um dever do cidadão. Escrever ajuda a organizar as idéias, além do que a escrita tem uma função simbólica; uma vez algo escrito, não se pode mais alegar ignorância da situação descrita no texto. Essa é uma das principais funções, por exemplo, da imprensa: publicar o que todo mundo já sabe, para que ninguém possa alegar ignorância.

Você dirá: não tenho tempo para corrigir textos, pois ganho pouco por aula e tenho de dar muitas aulas, além de prepará-las. Ora, peça então para cada aluno escrever cinco linhas sobre o Corinthians e São Paulo do domingo passado, ou sobre drogas, ou sobre a colega do lado - o assunto que cada um quiser. Cinco linhas por semana - e um mundo estará aberto. Use uma

aula para transcrever um ou dois desses textos de cinco linhas na lousa e corrija em público. Isso é apenas uma sugestão, que não deve ser seguida à risco.

No Brasil, cada categoria da sociedade está separada das outras e procura se ligar diretamente ao Estado. É por isso que você prefere ir a uma reunião de APEOESP a uma reunião da APLL. Na verdade, fazendo apelo direto ao Estado para regular o mercado de trabalho, os professores ficam isolados e desarmados. Passa ano, sai ano, as reuniões são iguais, as reivindicações são as mesmas e nada acontece.

De vez em quando há um lampejo. De vez em quando o movimento dos professores consegue interessar outras categorias. O professor deixa de falar só com professores. A massa dos trabalhadores então se movimenta, contestando a reivindicação categorial. O movimento avança.

Mas para isso os professores tem de demonstrar que são realmente úteis aos outros trabalhadores - e não auxiliares na tarefa de mantê-los na ignorância. Pois a ignorância dos trabalhadores é uma política deliberada dos donos do poder. Essa é uma das razões pelas quais você usa um código que não é entendido pelas camadas populares.